

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 1624447

OPERAÇÃO ANCHIETA - OPAN
RELATÓRIO ANUAL - 1983

Capa, mapas e ilustrações: MAURILIO
BARCELLOS

Contracapa: Menino Cinta Larga
preparando flechas
Aripuanã - MT
(Projeto Cinta Larga)

Foto: João Dal Poz

Edição: OPERAÇÃO ANCHIETA - OPAN
C.P. 615
78000 - CUIABÁ - MT
BRASIL

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	2
PROJETOS	
I - REGIONAL ACRE	
1. Projeto KULINA	4
2. Projeto COORDENAÇÃO DO CIMI	8
II - REGIONAL NORTE I	
1. Projeto ÍNDIOS NOVOS	11
2. Projeto CANAMARI	13
3. Projeto ALTO SOLIMÕES	17
4. Projeto WAIMIRI E ATROARI	19
III - REGIONAL MATO GROSSO	
1. Projeto KARAJÁ	22
2. Projeto DOURADOS	27
V - REGIONAL LESTE	
1. Projeto CIMI LESTE	28
VI - PROJETO DE ASSESSORIA LINGUÍSTICA	33
VII - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN	34
CASA DE PORTO ALEGRE	36
ASSEMBLÉIA GERAL	39
PREPARAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS	45

I N T R O D U Ç Ã O

Voltamos a nos comunicar, através deste Relatório, com as muitas pessoas que vêm apoiando, acompanhando e interessando-se de alguma forma pelo trabalho que temos realizado junto a algumas comunidades indígenas.

Apresentamos aqui relatos sobre cada um dos Projetos em que atuam os voluntários da OPAN. Tais informes foram feitos durante nossa Assembléia Geral - 84, e levaram em consideração, de modo especial, dois pontos de referência: os impasses com os quais se defrontam os índios e voluntários na caminhada, e as respostas que estão sendo dadas pelos mesmos.

Ainda nesta Assembléia, a partir dos relatos, discutimos amplamente sobre a LINHA DE AÇÃO que seguimos em nosso trabalho. Nos questionamos, pois, sobre a nossa proposta de atuação em termos de política indigenista. Este debate foi muito rico. Evidenciou limitações e ajudou a clarear as perspectivas de um trabalho como o nosso, que pretende ser "alternativo". Aliás, um eixo das análises que fizemos foi exatamente sobre a pergunta: o que é um trabalho indigenista alternativo?

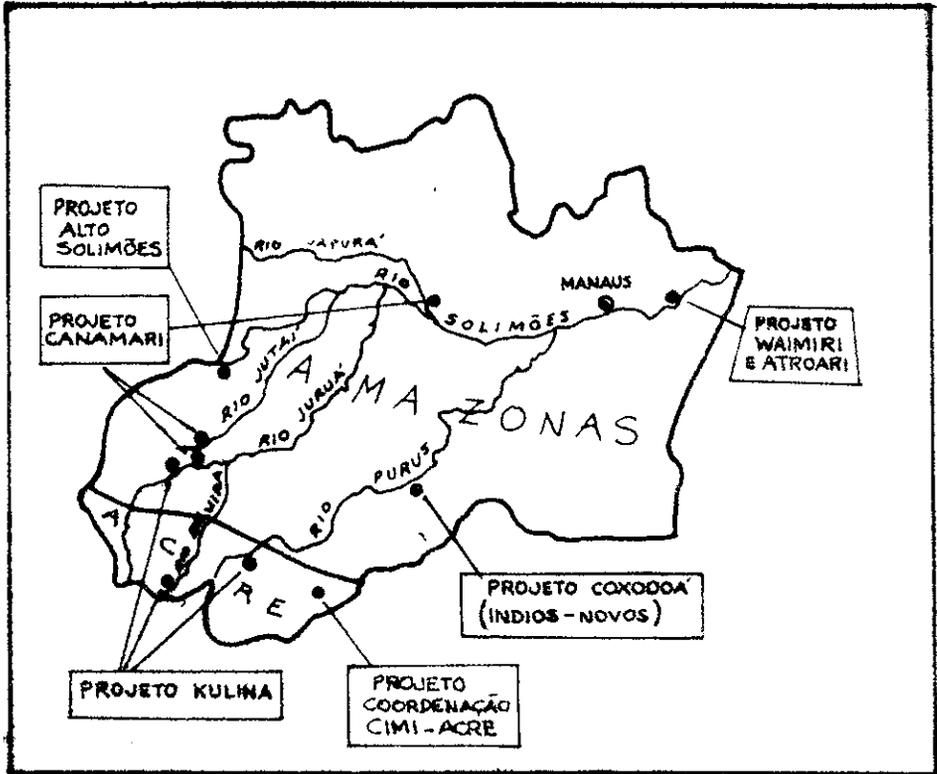
Conseguimos avançar um pouco mais em nossos trabalhos nos Projetos, ao longo de 83, graças à

estreita colaboração de muitas pessoas e entidades, com as quais partilhamos a preocupação e o empenho pela causa indígena.

Queremos expressar nossa gratidão a todos que nos apoiaram de algum modo. Em primeiro lugar, aos próprios índios que nos acolhem e animam na luta. Ao pessoal das Prelazias e Dioceses, que cada vez mais firmemente está assumindo um compromisso junto às populações indígenas de suas áreas. Aos amigos que têm ajudado na preparação dos novos companheiros e na melhor formação dos voluntários que atuam nas áreas indígenas. Aos colegas de outras entidades que batalham conosco junto às comunidades indígenas. A tantas pessoas que nos prestaram seu desinteressado apoio em vários momentos e situações. Às entidades financeiras que ajudaram a garantir nossa infra-estrutura, especialmente Misereor (Alemanha), CEBEMO (Holanda), Adveniat (Alemanha), Kirche in Not (Alemanha), Action Bruder in Not/Katolische Jungschar (Áustria).

Continuaremos contando com esta importante articulação de esforços para prosseguir nos trabalhos de apoio à **AUTODETERMINAÇÃO** dos Povos Indígenas, esperando encontrar sempre mais pessoas que se sensibilizem e solidarizem com a causa indígena.

PROJETOS



I - REGIONAL ACRE

1. Projeto KULINA

Localização: rios Purus e Envira - AC
rio Juruá - AM

População abrangida: Kulina

Equipe: AC - Rosa, Kanáú

Lori e Roberto, com sua filha
Pamalomid (IECLB)

AM - Rubinho

Início do Projeto: 1976

Observação: sob a denominação 'Projeto Kulina' estão incluídos os Projetos anteriormente chamados Alto Purus e Alto Envira, mais o trabalho iniciado no rio Juruá.

Impasses

Reorganização do Povo Kulina: são 22 aldeias mais as famílias nucleares dispersas ao longo dos rios Purus, Tarauacá, Envira, Juruá, Acuraus e Jutai. Causas da dispersão: feitiço, correrias, procura de novos patrões.

Situação econômica: Indefinida. Duas aldeias com Cooperativa: Santo Amaro e Maronawa. Envira não tem seringa nem cooperativa; dependem da venda de caça, pesca e produtos agrícolas na Fazenda Califórnia. Juruá e Tarauacá dependem do barracão para venda de seringa.

O nomadismo é generalizado e causa longos períodos de fome por causa da irregularidade das derrubadas. Há casos de aldeias que não colocam roçados há vários anos e por isso sobrevivem da pilhagem nos roçados e colocações de seringueiros.

Sendo o sistema de comércio a troca, e não necessitando o valor real de seus produtos, por não dominarem o uso da moeda corrente, são facilmente ludibriados pelos brancos.

Terra: Não há nenhuma área demarcada. No Purus foi respeitada a redelimitação feita pelos Kulina e Caxinawá. No Envira foi redelimitada a área segundo a exigência do grupo do Igarapé do Anjo. No Juruá, Tarauacá, Acuraus e Baixo Envira há somente estudos de áreas para delimitação. As áreas estão todas invadidas com exceção da área do Igarapé do Anjo. Há dificuldade de delimitação devido ao constante nomadismo e à concepção do grupo quanto à propriedade da terra.

No Juruá, demarcar a área requer a retirada do seringal que está dentro da mesma. A saída do seringalista implica na busca de uma nova solução econômica (um novo padrão?). Há possibilidade de a Petrobrás, que faz prospecção próxima da área, vir a estender essa prospecção para dentro dos limites da área de ocupação do grupo.

Saúde: Índice elevado de mortalidade infantil. Há casos de 50% de infanticídio e aborto. Tuberculose: há em menor escala. Epidemias de gripe.

Educação: Há sete aldeias com escolas (Envira, Juruá, Purus): 4 OPAN/CIMI, 1 Summer, 1 Novas Tribos, 1 Prefeitura de Envira. Impasses: dificuldade das pessoas alfabetizadas assumirem a escola; descontinuidade na presença dos alunos e do professor, devido a períodos nômades, períodos de corte de seringa, trabalhos em roçados, dispersão de famílias nucleares.

Respostas da Equipe

Reuniões: Foi realizado um levantamento e visita a toda a nação Kulina, por Rosa, Rubinho, Lori, Egon, e líderes Kulina das aldeias do Purus e Juruá, em 82/83. A proposta é a participação do povo na discussão dos problemas existentes nas diversas áreas, através de assembleias, das quais uma realizou-se em 83 e a outra está marcada para julho/84.

Situação Econômica: Cooperativas obedecendo ao ritmo próprio do grupo a organizar. Venda periódica do artesanato. Incentivo aos roçados, fornecendo sementes de arroz. Incentivo à criação de animais domésticos (galinhã, porco, pato, boi, carneiro).

Terra: Enviadas para a Funai propostas de re delimitação e delimitação das áreas do Purus, Juruá e Envira. Posicionamentos do grupo indígena: prisão da madeira retirada da área, em 1983; retirada dos invasores e caçadores da área.

Saúde: Visita de Rosirene (CIMI) para um levantamento da situação de saúde nas aldeias de Maronawa e Santo Amaro. Substituição gradual da medicina alopática pela fitoterápica. Vacinação contra varíola, sarampo, coqueluche. Plano de atendimento dentário: jan/fev 84 - Purus, jun/jul 84 - Juruá, aos cuidados de Paulo Klein.

Educação: Publicada cartilha Kulina. Introduzido português na escola de Maronawa. Concluída a alfabetização bilingue no Igarapé do Anjo (23 adultos alfabetizados em kulina e português). Levantada a proposta para encontro de monitores. Elabora

ção de material pedagógico (no prelo): gramática Kulina, dicionário kulina-português/português-kulina, livros sobre a cultura material kulina.

Foi concluído o plano de educação no Igarapé do Anjo, desligando-se Kanaú do trabalho no Projeto Kulina.

2. Projeto COORDENAÇÃO DO CIMI

Localização: Rio Branco - AC

Responsável: Anselmo

Início do Projeto: 1979

Atividades

Várias visitas às áreas onde se desenvolvem projetos, bem como em áreas aonde não há presença fixa de elementos do CIMI, para ver de perto a situação dos povos indígenas da região. O atendimento às lideranças quando de passagem por Rio Branco também é uma constante e exige muito tempo.

As visitas às áreas aonde há presença de pessoas do CIMI/OPAN, limita-se basicamente a ver e discutir junto com a(s) pessoa(s) fixa(s) naquela aldeia o andamento dos trabalhos. Além da interação dos voluntários em área indígena, sempre é realizada também uma reunião de toda a aldeia,

para ver quais os problemas que mais os afligem no momento. A continuidade dos trabalhos e possíveis pistas para a solução dos problemas são também discutidos em conjunto, entre índios, voluntário(s) e coordenador.

As viagens às aldeias aonde não há presença fixa de missionário, tem como objetivo incentivar os grupos a manterem sua cultura, discutir junto com eles os problemas da terra, questão econômica, saúde e educação.

Kaxinawá e Apurinã

Anselmo tem acompanhado, nesses últimos anos, mais especificamente quatro aldeias: Paroara, no Município de Feijó, Recreio, no rio Purus, e En 124 e 45 da BR 317, sendo as duas primeiras de índios Kaxinawá e as últimas de índios Apurinã.

Com os Kaxinawá de Feijó foi feito, inicialmente, um trabalho mais político em cima da questão terra, uma vez que essa área era praticamente toda ocupada por brancos. No ano passado (83) os índios conseguiram que as últimas famílias dos brancos se retirassem da área. Em seguida iniciou-se um pequeno projeto econômico para a ocupação das estradas de seringa e limpeza do seringal de cultivo que os índios conquistaram. Por várias ve zes lideranças daquela aldeia foram a Rio Branco e também a Brasília, a fim de exigirem os seus di reitos junto ao órgão tutor. Após muita luta a á rea desses índios será demarcada e por sinal será a primeira a ser demarcada no Estado do Acre.

Junto aos Kaxinawá da aldeia Recreio foi rea lizado também um trabalho mais político e de acon

panhamento a uma cooperativa e inclusive conseguiu-se uma verba para aquele grupo, que há pouco tempo veio do Perú e se instalou na área indígena do alto Purus.

Os Apurinã do Km 45 e 124 têm insistido mais no sentido de se dar uma força na questão da terra, que até hoje continua um tanto embaralhada. A coordenação do Regional tem dado condições desses índios denunciarem todas as irregularidades que vêm ocorrendo dentro de sua reserva e de irem a Brasília para exigirem os seus direitos.

A partir do final de 83 está sendo reunida toda a documentação existente sobre aquela área, para posteriormente verificar a viabilidade de entrar com uma ação na justiça para incorporar o Seringal Aripuanã à área já demarcada.

A sede da Coordenação

Além dos trabalhos nas áreas, em Rio Branco são atendidas as lideranças indígenas, tentando junto a elas achar soluções para os problemas existentes. Essas soluções na verdade quem tem que encontrar é a própria comunidade, mas a função da coordenação é assessorá-la diante das dificuldades que encontra para solucionar os impasses.

A programação da Semana do Índio é outra função da coordenação regional. Essa programação consiste em dar palestras nos colégios, preparar matérias para os jornais, programação nas rádios e a celebração litúrgica.

As tarefas burocráticas também tomam muito tempo da Coordenação.

II - REGIONAL NORTE I

1. Projeto ÍNDIOS NOVOS

Localização: Riozinho, médio Cunhuá - AM
População abrangida: Índios do Coxodoá (auto
denominação desconhe -
cida)

Equipe: Tere, Chico
Gunter (CIMI)

Início do Projeto: 1979

Impasses

Área ameaçada pelas frentes extrativistas
(sorveiros e seringueiros).

Situação dos Índios

- 1 - Subsistência amplamente garantida (muita fartura nas roças),
- 2 - Saúde intacta (no que se refere às doenças do homem branco),
- 3 - Sistema de auto-defesa e controle da área muito forte.

Atuação da Equipe

Frente a esta situação, a equipe optou por

um trabalho de contatação lenta, fazendo no máximo duas entradas por ano na área dos índios, tendo como finalidade um controle maior da área por fora. Como ponto de apóio a equipe fez também um roçado no Riozinho, onde teve bastante contato com os sorveiros e seringueiros da região. Com estes, sempre tentou discutir a situação dos índios, da necessidade deles terem uma área demarcada e esta ser respeitada.

Nestes últimos anos também foram enviados relatórios e diversos ofícios à Funai, falando da urgência em interditar a área destes índios. Em tretanto, nenhuma providência foi tomada.

Além deste trabalho, a equipe também visitou alguns grupos Deni, no Alto Cunhuá, Paumari (igualmente no Cunhuá) e Banauá-Yafi, no Piranhas.

Contato com a FUNAI

Em agosto de 1983 saiu nota no Rádio e Imprensa de Manaus informando que uma expedição liderada pelo sertanista Amâncio e mais quinze técnicos ia ao Coxodoá, atrair os índios desse rio.

A expedição chegou na área em outubro, iniciando logo um grande varadouro, começando na margem do Cunhuá, em direção à aldeia dos índios.

No encontro que a equipe teve com a expedição, Amâncio desabafou toda a ideologia da Funai: que a equipe da Prelazia de Lábrea não tinha licença para atuar lá, além de não ter preparo; que é necessária uma rápida integração dos índios, pois o avanço das frentes econômicas é inevitável; que a Funai sabia desses índios desde 1975; que a intenção era entregar os índios à Missão Novas

Tribos, ou a Funai mesma colocar um Posto Indígena na área e abrir um campo de pouso.

Em dezembro/83 a expedição voltou a Manaus a nunciando "êxito absoluto em seu trabalho", e declarando que o CIMI à revelia da Funai manteve contato com os "Coxodoá" de maneira desastrosa "porque foi feito por pessoas sem qualquer preparo para lidar com grupos arredios". A nota também falava que a expedição encontrou os índios bem alimentados e com muito boa saúde. Vale perguntar: se o contato mantido pelo CIMI com os índios do Coxodoá foi desastroso, como explicar que os mesmos se encontravam em tão boas condições de vida?

2. Projeto CANAMARI

Localização: rios Jutai, Juruá e afluentes,
e Japurá

População abrangida: Canamari e Tucano

Equipe: Araci e Lino com seu filho Diogo,
Vilma e Teká

Início do Projeto: 1979

Observação: este Projeto era anteriormente denominado Alto Jutai.

Caracterização do trabalho e equipe

Rio Jutai - malocas do Nauá e do Caraná - ,

equipe fixa, convivência. Rio Juruá e afluentes, e rio Japurá, trabalho volante.

A equipe está constituída de 4 adultos e uma criança. A tendência é continuarem os 4 e o Diogo no Projeto, com perspectiva para mais 3 anos. O próprio relacionamento da equipe (trabalho/pessoal) facilitou as discussões, análises e encaminhamento do trabalho. Ponto muito positivo, no sentido de ajudar a aguentar como pessoas a dificuldade que tem sido o trabalho.

Impasses

Fundamentalmente a terra. Todas as áreas Canamari estão sem nenhuma providência. Todas invadidas por seringueiros e seringais, no Juruá e Jutai. No Japurá, por exploradores de castanha, peixe, madeira, etc. A área do Jutai está incluída nas propostas de área do Parque Javari. No Jacaré: saída dos Canamari do igarapé Maloca e busca de novas colocações e reagrupamento. A área do Jutai está recortada pelas picadas da Petrobrás (prospecção).

Saúde: surto de uma suposta tuberculose intestinal nos grupos do Jutai.

Educação: pedido de alfabetização por parte dos Canamari do Jutai, para poderem se comunicar com os Canamari do Juruá, onde atua a Missão Novas Tribos, e fazer frente aos brancos nas transações comerciais.

Relação com os brancos: incremento, por parte dos Canamari, do corte de seringa e de madeira, em detrimento do seu sistema econômico, principalmente no Jutai. Contato com a cidade de Eirunepé: bebida alcoólica, prostituição das mulheres, fome,

doenças, indução ao consumismo, transformação do rami (cipó) - elemento cultural - em objeto comercial.

Resposta da Equipe

Terra. Discussão e análise da equipe com os Canamari sobre a situação efetiva das áreas (invasões, migrações, etc.). Relatório dando conta da real situação das terras (geral), destinado à Funai, Regional do CIMI, Coordenação da OPAN e Prelazia.

A equipe propiciou condições (meios) para a reunião dos diversos grupos Canamari do Jutai, Juruá e afluentes, por entenderem estes se encontrar para discutir a questão das áreas. Solicitaram providências da Funai, através de fita gravada. Encaminhamento à Funai desta fita, com transcrição, através do CIMI Nacional. Estudo da viabilidade de concretização do Parque Javari.

Saúde. A prioridade de toda a equipe para 84 é acompanhar a questão de saúde junto aos Canamari do Jutai, mobilizar equipes médicas para exames e definição em relação ao surto que se apresenta.

Educação. Aprofundamento da equipe na questão linguística, com o Márcio (da UNICAMP), em Eirunepé. Continuidade do ensino da matemática.

Relação com o branco. Tentativa de análise e discussão com os Canamari acerca das consequências negativas destes contatos.

Silvio Cavuscens



1º Encontro de Professores Tikuna
Setembro/83 - Aldeia Santa Inês - AM
(Projeto Alto Solimões)

Araci Labiak



Índios Canamari e Tucano
Rio Jutaizinho - AM
(Projeto Canamari)

3. Projeto ALTO SOLIMÕES

Localização: rios Javari e Solimões - AM
População abrangida: Mayoruna (Matses) e
Tikuna

Equipe: Silvio e Claire
Início do Projeto: 1980

MATSES

Sub-grupo de Santa Sofia. 1979: ocorre a volta dos Matses ao seu território tradicional. Em 79/82: contato esporádico com as frentes pioneiras; exploração por parte dos patrões madeireiros.

Impasses

Março/83: início do projeto de colonização para extração da borracha; invasão da área indígena. Atualmente, 95 famílias de seringueiros na beira do Jaquirana; 13 na área indígena de Santa Sofia.

Matses sofrendo as consequências da invasão: subsistência ameaçada; pesca nos lagos Matses; exploração intensiva de quelônios (comercialização do produto); caça constante na área, dificultando a obtenção desse alimento básico dos Matses; pupunhas antigos invadidos, afetando a realização de rituais; doenças - movimentação constante; seringueiros nas melhores áreas dos Matses.

Resposta da equipe

Contato com as diversas instâncias da Funai; relatório encaminhado à presidência da Funai (não foi tomada nenhuma providência). Denúncia da invasão. Levantamento completo da situação da invasão; elaboração de dossiê; contato com advogado em Manaus. Novo contato com a Funai; promessa de retirar os invasores até o final de janeiro. Em 1º de fevereiro, entrada de nova ação de reintegração de posse.

TIKUNA

Impasses

Fatores que criam divisão entre os próprios Tikuna: 1) invasão dos lagos (SUDEP); 2) INCRA: liberação de títulos provisórios individuais; 3) FUNAI: delegacia favorece divisão de lideranças (apoio particular a um capitão, compra de lideranças); 4) Prefeituras, políticos: utilização dos Tikuna durante campanha política, introdução do Mobral.

Resposta da equipe

Tentativa de demonstrar a importância da ocupação da terra; tentativa de acompanhar as iniciativas dos Tikuna (monitores, Capitães); maior presença nas aldeias; debate e discussão sobre os acontecimentos.

Resposta dos Tikuna

Compreensão de algumas lideranças com relação ao processo em andamento; organização dos monitores (encontros, cursos); tentativa de superar a fase de conflitos internos (reunião dos capitães).

Perspectivas

Maior apoio aos monitores e à problemática educacional.

Impasses da equipe (gerais)

Saída da Claire do Projeto no 2º semestre. Isolamento muito grande. Falta de apoio por parte da própria OPAN.

4. Projeto WAIMIRI E ATROARI

Localização: da equipe: Itacoatiara - AM
da População indígena: norte do AM e sul de RR, entre as bacias dos rio Negro e Uatumã

População abrangida: Waimiri e Atroari

Equipe: Doroti e Egydio, com seus filhos Aju ri, Adu e Maiá; Rui

Início do Projeto: 1980

Impasses e desafios

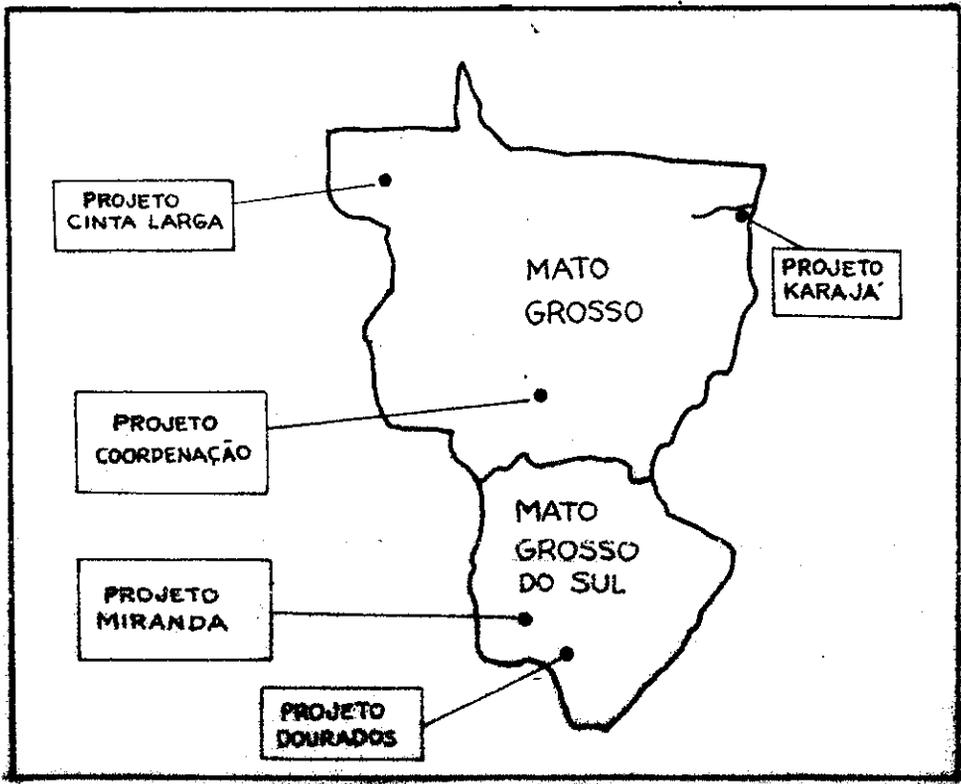
A BR-174, rodovia Manaus-Caracarái, continua a atrair os índios lentamente para o seu eixo, favorecendo os programas integracionistas da Funai. A mineração Taboca S/A (Grupo Paranapanema), com milhares de trabalhadores na área, avança cada dia mais profundamente nas terras Waimiri e Atroari, ameaçando a cultura e a saúde do povo, sem que os índios tenham condições de organizar uma reação eficaz. A Balbina, hidrelétrica em construção, além de inundar grande parte do território Waimiri e Atroari que ainda resta, para a sua efetivação necessitará desmatar a área do futuro reservatório mediante o uso de desfolhantes químicos; necessitará também de grande extensão de diques, os quais atingirão exatamente o núcleo das grandes aldeias dos altos rios Camaná e Santo Antonio do Abonari, para conter as águas do sistema Uatumã.

Resposta da equipe

Movimento de Apoio à Resistência Waimiri e Atroari (MAREWA). Divulgação ampla da situação dos Waimiri e Atroari. Denúncia dos programas acima citados. Busca de maior apoio para a causa Waimiri e Atroari. Organização do arquivo Waimiri e Atroari, reunindo toda a documentação possível. Colaboração na formação de uma nova mentalidade e respeito dos Waimiri e Atroari na população envolvente: caminhadas a favor dos povos indígenas nas comunidades da Prelazia, palestras em escolas, participação nas CEBs, etc.

Impasses da equipe

Proibições para entrar nas aldeias, por parte da Funai; prepotência do Bispo de Roraima, que impede a residência da equipe no território de sua Prelazia, para colaborar a partir de lá no apoio aos Waimiri e Atroari; controle cerrado da área por parte de vários órgãos oficiais.



III - REGIONAL MATO GROSSO

1. Projeto KARAJÁ

Localização: rio Araguaia - MT

População abrangida: Karajá

Equipe: aldeia Itxala: Paulo, Margarida (Pre-
lazia) e Silvia (Pre-
lazia)

Início do Projeto: 1977

Escola

No início de 1983, Margarida (agente de pastoral da Prelazia de São Félix) foi morar na aldeia de Itxala, assumindo um trabalho na área de educação. Como ela tinha experiência neste setor, foi possível sistematizar mais as coisas, juntamente com Paulo. Isso deu mais força para a equipe, pois a comunidade já tinha pedido uma escola que permitisse o prosseguimento dos estudos fora.

Saúde

Silvia continuou no atendimento da saúde em Itxala até setembro. Nesta época Angela, que cuidava da saúde na aldeia Karajá de Krehawã, deixou as atividades naquela aldeia. Como a situação de saúde era mais grave em Krehawã, Silvia transfe -

riu-se para lá, ficando uma lacuna neste setor de saúde em Itxala.

Terra

Ocorreu quanto à terra um fato de marcante importância: a reserva Tapirapé/Karajá (na qual está incluída a aldeia de Itxala) foi reconhecida em decreto do Presidente da República. Consequentemente, deu-se a retirada dos posseiros e fazendeiros desta área. Essa nova realidade da terra assegurada e livre requer da equipe um novo posicionamento, na perspectiva de apoiar uma retomada mais sólida da cultura Karajá.

2. Projeto CINTA LARGA

Localização: noroeste de MT, município de Aripuanã

População abrangida: Cinta Larga

Equipe: João, Joãozinho e Inês

Início do Projeto: 1979

Impasses da equipe

Pouco conhecimento da língua. Invasão crescente da área e contato promíscuo: como conter as frentes? como relacionar-se com elas? O problema

da saúde: como controlar? Como atender o problema da subsistência econômica (ferramentas, aquisição de outros objetos, etc.). Área extensa, com aldeamentos dispersos.

Impasses dos índios

A equipe considera os problemas dos índios através de dois prismas que realça: terra e saúde. Grande invasão por fazendas, empresas e garimpo. Contaminação com doenças infecciosas e outras enfermidades. Lideranças difusas, sendo que o contato não ocorre na mesma intensidade e nível com todos. Atração pelo mundo envolvente para aquisição de objetos manufaturados.

Atuação da equipe

Incremento ao programa de vacinação. Proposta exigindo que a Funai tome posição diante das invasões. Organização da infra-estrutura básica: rádio, casa, microscópio, medicamentos, etc. Fornecimento de ferramentas necessárias. Convivência atuante ao lado do povo: o índio pode contar com você. Tentativa de se tornar mais presentes na área.

IV - REGIONAL MATO GROSSO DO SUL

1. Projeto MIRANDA

Localização: Miranda - MS

População abrangida: Terena, Kadiwéu, Guató,
Ofaié e Kaiowá

Equipe: Ivo e Calu, com seus filhos Moara,
Uirá, Tiaraju, Deni e Inuí

Início do Projeto: 1979

Impasses do grupo indígena

Terra insuficiente, o que contudo não lhes parece problema. Somente em duas aldeias pequenas há uma preocupação e mobilização para ampliar o espaço físico.

Desorganização interna, tanto pelo número grande de aldeias, como pelas diversas facções e grupos internos.

A busca de canais de participação (integração) na sociedade nacional: participação intensa em partidos políticos; busca de recursos junto a governos e entidades particulares; procura de escolaridade (inclusive cursos superiores); melhorias nos vários níveis (mecanização da lavoura, encanamento de água, luz, etc.); inúmeras igrejas com seus líderes.

Respostas da equipe

Visando a reorganização do povo Terena: reuniões de lideranças políticas e religiosas; organização de grupos de trabalho para roças de subsistência; visitas constantes entre os líderes de aldeias; discussão em conjunto sobre programas do governo estadual nas aldeias.

Para conhecimento da realidade: convivência, contatos, etc., sem propôr em princípio programas ou respostas concretas em grande estilo, como seria desejo dos índios.

Organização da pastoral indigenista diocesana: atividades de sensibilização da igreja local sobre a especificidade da situação indígena; programas com grupos de base durante a semana do índio; participação em assembléias das paróquias e diocesanas.

Impasse final

Este impasse resultou na saída da equipe e fechamento do Projeto.

Três considerações: 1) Dissintonia entre os objetivos (prioridades) da equipe (e por extensão da OPAN) e a perspectiva dos índios. É, também, um conflito entre propostas de libertação a um prazo maior e o desejo de uma assistência imediata. Ou o conflito entre a convivência e os grandes projetos de impacto que poderiam ser uma alternativa à Funai (seja em projetos econômicos, saúde, etc.) 2) A tentativa de atuar em vários níveis ou esferas, atingindo diversos tipos de grupos e líderes, não se atendo a uma aldeia ou grupo (nem só líde-

res religiosos, ou políticos, nem só grupos de roças). Isso resultou que nenhum grupo se sentiu beneficiado a tal ponto de defender a equipe com unhas e dentes. 3) De qualquer maneira, a equipe era vista como instância intermediária entre os índios e a sociedade maior. E para alguns grupos, esta instância foi ineficaz. Era um branco tendo recursos (não interessava para que) para ajudar os índios, quando os próprios índios poderiam buscar e administrar estes recursos. Essa é uma tendência geral entre os Terena, de ir procurar as fontes, de eles assumirem as funções que se achem em condições de assumirem.

2. Projeto DOURADOS

Localização: região da Grande Dourados - MS

População abrangida: Guarani-Kaiowá

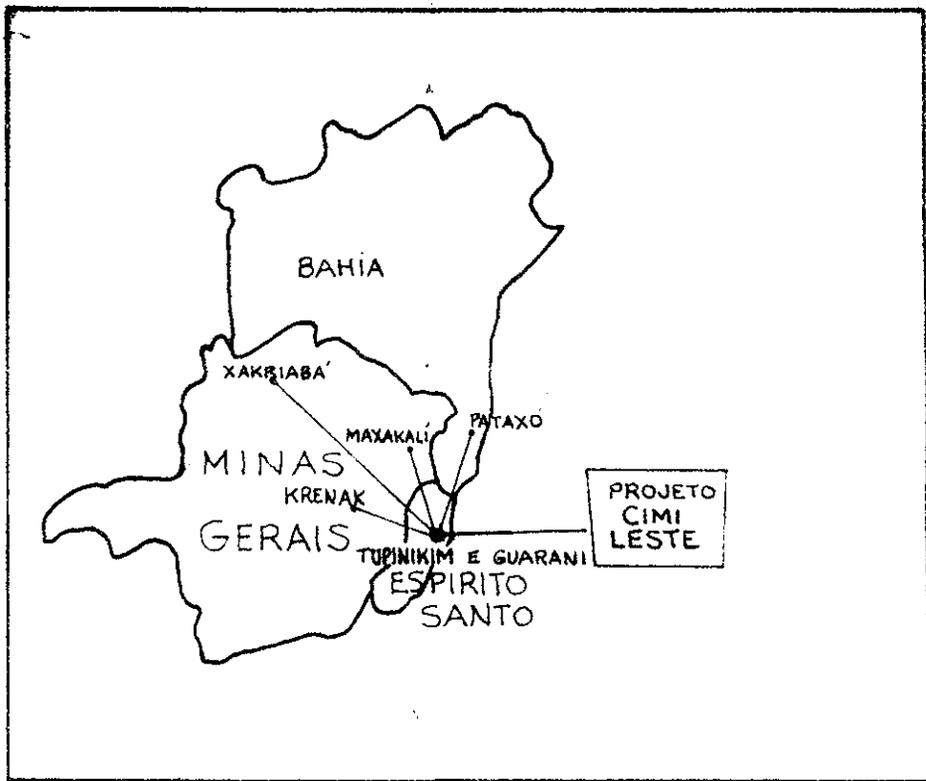
Equipe: Antonio e Lucia, com sua filha Luciana; Adélia

Orlando (CIMI)

Início do Projeto: 1978

Impasses dos índios

Terra: divisão interna, fruto de famílias diversas obrigadas a viverem numa terra extremamente restrita. Apoio externo por parte de grupos (políticos e religiosos) que põem exigências que di-



V - REGIONAL LESTE

1. Projeto CIMI LESTE

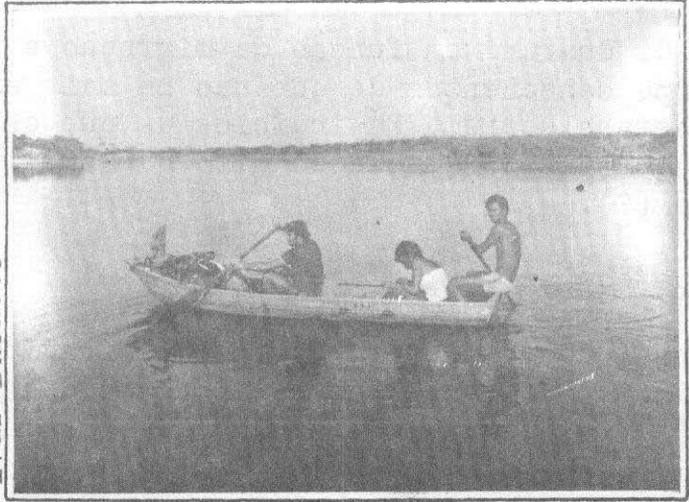
Localização: sede em Vitória - ES

População abrangida: Tupinikim, Guarani, Krenak, Maxakali, Pataxó, Hã-hã-hãe, Xakriabá



Mamede

Índia
Tupinikim
Aldeia
Caieiras
Velhas - ES
(Projeto
CIMI Leste)



Ivar Busatto

Estagiários em treinamento
Rio Cuiabá - MT
(Projeto Coordenação da OPAN)

Equipe: Nira e Fábio, Jô e Paulo com sua filha Luara
Geralda (Diocese de Teófilo Otoni)
Cristiano (OED)
Início do Projeto: 1978

GUARANI (M'BYÁ)

Passaram por um processo de recuperação da terra, que foi imprescindível para a reorganização do grupo: reagrupamento, construção da aldeia, volta às práticas religiosas, roças de subsistência. Este processo possibilitou também ao grupo uma relativa compreensão da sociedade envolvente, participação crescente nas lutas indígenas a nível regional e nacional, e empenho na organização a nível de Povo Guarani.

Impasse do Povo

A vida Guarani em função da migração e ao mesmo tempo conscientes de que não há mais áreas para se estabelecerem. Há indícios de que está acontecendo reinterpretação do mito que origina as migrações (?).

Impasse da equipe

Necessidade de compreender em profundidade o povo Guarani para buscar com eles as saídas possíveis.

TUPINIKIM

Passaram pelo seguinte processo: recuperação da terra para reafirmação da identidade étnica, e desta para a reorganização interna.

Impasse do grupo

É um grupo que culturalmente se assemelha aos camponeses, mas preserva raízes indígenas. Como continuar sobrevivendo como uma etnia diferenciada?

Impasse da equipe

Como ajudar o grupo a se definir etnicamente e a partir daí buscar formas de resistência?

KRENAK

Passam hoje pelo seguinte processo: ocupação e recuperação da terra para a reafirmação da identidade étnica, e desta para a crescente organização interna.

Impasses do grupo

Inexistência de condições objetivas para o grupo manter-se e/ou renovar-se culturalmente: elevado grau de mestiçagem, uso predominante do português (embora ainda exista a língua Krenak), negação da identidade étnica pelos mais jovens, memória fragmentada e somente a partir do contato com o mundo branco.

Impasse da equipe

Como ajudar o grupo a se definir etnicamente e encontrar formas de resistência?

MAXAKALI

Impasses do grupo

O Maxakali é um grupo não ameaçado de extinção no sentido de que fisicamente têm condições de subsistir como Povo. Precisa de mais terra. Como enfrentar a sociedade nacional: fazendeiros e a força do latifúndio, Funai e seus Projetos, grandes projetos do Governo - Pró-álcool, preconceito da sociedade envolvente? Como conseguir aliados entre os oprimidos e como se aliar à luta indígena em geral?

Impasses da equipe

Necessidade de ampliar a equipe de base; como acentuar a articulação da luta indígena com os movimentos populares, luta sindical, CPT, CEBs da região, de forma a quebrar o isolamento existente?

Observação

No conjunto do trabalho há a tentativa de romper o isolamento das lutas indígenas, juntando-as com outros setores oprimidos da sociedade.

VI - PROJETO DE ASSESSORIA LINGUÍSTICA

Localização: Cuiabá - MT

Responsável: Darci

Início do Projeto: 1981

Histórico

Surgiu no bojo da enchurrada de cursos e motivação para o aprendizado da língua indígena. Na prática, a linguística continua sendo uma prioridade de não prioritária em vista de outras urgências "mais imediatas". Dada essa situação, o Projeto não teve muito espaço de atuação.

Ao lado disso, outros motivos pesam na proposta de desativação do Projeto: 1) a impossibilidade de deslocamentos, mesmo que esporadicamente, da pessoa encarregada, por razões diversas: estudo na Universidade, família, coordenação financeira, etc.; 2) a pouca demanda dos voluntários para um período de estudos em Cuiabá ou outra cidade; 3) a existência de outras pessoas ligadas a Universidades que prestam assessoria, cursos, etc., a nível regional e local.

Perspectivas

Um questionamento mais sério sobre a realidade de um Projeto que sirva apenas para "alfabetizar" os estagiários e prestar algum acompanhamento esporádico. Se não será o caso de incentivar

a assessoria mais frequente de pessoas profissionais do assunto, tanto para introdução do tema quanto para acompanhamento na análise dos dados linguísticos problemáticos. Atender a dois aspectos fundamentais: análise e fala; 1) elaborar um instrumental técnico para a coleta e análise dos dados, 2) elaborar um método de aprendizagem da língua.

Fechamento

Frente às colocações do responsável, a Assembleia decidiu pelo fechamento do Projeto, mas ficando o Darci disponível para colaborar na área de linguística.

VII - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN

Localização: Cuiabá - MT

Equipe: Ivar, Darci e Arlindo

Início do Projeto: 1969

Os trabalhos da Coordenação prosseguiram nas três linhas básicas de apoio: preparação de novos voluntários, articulação com os Projetos, e finanças.

O estágio de 83 contou com apenas 3 pessoas, das quais só o Rui veio a se engajar (Projeto Waimiri e Atroari). Cícero se retirou no final dos estudos da 1ª etapa em Cuiabá, e Miriam no final do estágio prático (feito parcialmente no Juruá - AM, e em Dourados - MS).

Na parte financeira, foram acionados empréstimos atendendo urgências surgidas em alguns Projetos, além da administração central, que decorreu normalmente.

Contatando com as equipes e Projetos, em Assembléias, visitas, etc., as pessoas da Coordenação estiveram: em Rio Branco - AC, em Tefé - AM, na área Canamari - AM, em Itacoatiara - AM, na área Cinta Larga - MT, em Dourados - MS, e Miranda - MS.

Atividades locais

Pelo fato de a Coordenação estar localizada no meio de grande número de índios e questões relacionadas a muitos grupos indígenas do Estado do Mato Grosso, assumiu trabalhos junto a outras entidades, na luta e na defesa desses Grupos.

Relacionamento com entidades em Cuiabá: Comissão de Direitos Humanos, CIMI regional, Centro de Documentação Terra e Índio (CDTI), Missão Anchieta, CPT, Casa de Trânsito, Imprensa, Diretório Central de Estudantes (UFMT), Funai (encaminhamento dos problemas e reivindicações dos índios).

Destaque nos trabalhos em que a Coordenação participou em 83, junto aos índios do MT: organização da Semana do Índio, organização da Semana

dos Direitos Humanos, organização da Primeira Grande Assembléia do Povo Bororo, levantamento dos índios Pareci desaldeados, e acompanhamento mais próximo dos casos: Kaiaby (construção de hidrelétrica), Kavante (reconquista da terra de Volta Grande - aldeia Dom Bosco), Pareci (paralelo 14 - demarcação).

CASA DE PORTO ALEGRE

Localização: Porto Alegre - RS

População abrangida: Guarani M'bya

Responsável: Mauro

Histórico

Esta casa da OPAN em Porto Alegre foi adquirida para moradia dos estagiários, quando a Organização tinha sua sede naquela cidade. Quando a sede mudou para Cuiabá, não foi possível vendê-la, pois tinha sido interditada pela prefeitura. Foi posta, então, à disposição do companheiro Mauro, da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI) local, que mantinha um trabalho de apoio às comunidades Guarani M'bya no Rio G. do Sul.

Uso da casa

A casa funciona como casa de trânsito para os Guarani M'bya. É um local que serve de ponte para os deslocamentos para outros pontos do Estado, para saber notícias de outros grupos, para pedir apoio, para se comunicarem entre si, para pouso quando vão à cidade vender artesanato, para encontros, reuniões, para trazer os doentes que não conseguem curar, etc.

Passam pela casa em média 30 a 40 pessoas por mês, de mais de 11 aldeias, sendo que 3 de Santa Catarina e uma da Argentina. A maior utilização dá-se de março a outubro, quando o preparo das roças e a colheita findou.

Também se estabelecem relacionamentos com outros Guarani de outros estados, através das reuniões e de fitas gravadas. Isto se dá principalmente com os Guarani de São Paulo, onde trabalham Alberto e Jussara, do CIMI Sul. Deste contato resultou a migração de Guarani do RS, que estavam sem terra definida, para: 1) São Paulo: localizaram-se em Ubatuba, onde a posse da terra está sendo discutida na justiça (CIMI Sul acompanha); 2) Espírito Santo: na aldeia de Caieira, onde existe o acompanhamento de Fabinho e Nira (CIMI-OPAN).

Os Guarani M'bya

A situação desses Guarani M'bya pode ser caracterizada da seguinte forma. A maior parte dos componentes dos grupos vêm da Argentina e alguns do Paraguai. Todos querem chegar perto do mar "porque tenho acordo com a praia". A tranquilidade

que tinham no norte da Argentina (Misiones) foi quebrada com a "ocupação dos espaços vastos" no mesmo país. Também existiu a traição de um cacique. De lá para cá aumentaram as migrações. Estas, não são novidade, pois encontram-se vários relatos de migrações para o RS no arquivo histórico.

Procuram locais afastados para se localizarem, onde possam plantar suas sementes e viverem seu Teko (sistema Guarani). Não possuem, diferentemente do processo histórico de outros Guarani, uma maior vinculação com a terra. O ethos tribal é o Guata (caminhar), segundo o mito da criação de sua Nação.

Quase sempre conseguem um fundo de fazenda ou algum agricultor que lhes cede a terra. Nas perambulações muitas vezes localizam-se em pontes, na beira da estrada, onde vendem artesanato e caçam nos matos vizinhos ao rio.

Encontramos atualmente um esvaziamento das lideranças, uma crescente desorganização dos grupos. Os mais conscientes estão tentando tomar as rédeas da discussão, existe a tentativa de se fazer proximamente uma reunião dos M'bya do RS. Há várias dificuldades: a resistência de alguns que não querem discutir seus problemas "porque o mundo vai terminar mesmo", o alto custo dos deslocamentos, etc.

Todos esses problemas são muitas vezes discutidos na casa, quando da visita de lideranças.

Atualmente Mauro está cursando antropologia a nível de mestrado, o que lhe está servindo como importante base de reflexão sobre a caminhada junto aos Guarani.

A S S E M B L É I A G E R A L

As atividades desenvolvidas nos vários Projetos foram apresentadas e discutidas na Assembléia Geral da OPAN, como ocorre todos os anos. A Assembléia realizou-se novamente em Fátima de São Lourenço - MT, de 25 a 31 de janeiro de 1984. Participaram da mesma 36 pessoas. A assessoria ficou com João Pacheco e Ivo Poletto.

A partir da análise dos Projetos, passou-se à discussão de uma questão básica, que há mais tempo vinha exigindo um aprofundamento: as LINHAS DE AÇÃO da OPAN. A Assembléia dedicou dois dias ao estudo desta questão.

O empenho dos voluntários, na tentativa de esclarecer melhor este ponto, foi muito proveitoso. Para isto, contribuíram, entre outros fatores, o método adotado, a ajuda dos assessores, e o interesse dos participantes.

A turma foi dividida em 3 grupos, constituídos a partir da situação de contato dos grupos indígenas com os quais trabalhamos. Este critério facilitou muito o aprofundamento das reflexões em torno da problemática levantada.

Os grupos ficaram compostos da seguinte forma: Grupo 1 - Povos Indígenas de contato permanente: Guarani, Kaiowá, Terena, Tupinikim, Krenak, Maxakali;

Grupo 2 - Povos Indígenas de contato recente: Cinta Larga, Coxodóá, Mýky, Waimiri

e Atroari;

Grupo 3 - Povos Indígenas de contato permenen
te na Amazônia ("barranqueiros"):
Kulina, Canamari, Tikuna, Mayoruna,
Kaxinawá, Apurinã.

O trabalho nos grupos foi alternado com ple-
nários, onde os relatórios dos grupos eram ampla-
mente debatidos.

As análises foram feitas a partir de 3 ques-
tões fundamentais, discutidas sucessivamente:

- 1) Quais as bases da unidade política e cul-
tural de um Povo, e como os grupos indíge-
nas mantêm e/ou renovam estas bases?
- 2) Diante das formas de resistência indígena
de cada Povo, quais as nossas formas de
ação, como pessoa, equipe e organização?
- 3) Qual a contribuição da OPAN, nessa Políti-
ca Indigenista Alternativa? Qual a sua
prática, e pontos de referência que foram
apresentados?

Concluindo, procuramos "amarrar" as refle-
xões feitas, em torno da seguinte proposta: "A
partir das três questões anteriormente discutidas,
levantar pistas de ação".

Seria longo demais, para os propósitos deste
Relatório, transcrever o conteúdo de tudo o que
foi explicitado nos debates desenvolvidos em tor-
no daquelas questões. Vamos nos limitar à comuni-
cação do resultado final, contido no último ítem
acima referido: "levantar pistas de ação". Damos
a seguir o relato feito por cada um dos grupos de
trabalho.

Grupo 1

A. Vinculação da luta dos índios com as ou -
tras lutas populares. Os índios estão na
mesma situação dos lavradores, ambos expulsos das
fazendas. Igualmente o movimento dos sem-terra.
Pode-se propôr lutas idênticas, e trocar experiên
cias sobre as respectivas lutas.

Manter também relação entre organismos, tais
como sindicatos e CPT, para a luta conjunta. A au
sência destes organismos poderia em certo momento
inviabilizar o diálogo da base, especialmente on
de há conflito aberto ou latente.

Direcionar a Semana do Índio para as bases.
Trazer os índios para falarem. Mas não limitar o
trabalho à Semana do Índio, pois corre o risco de
o índio tornar-se novamente "pitoresco".

Na vinculação das lutas de base, levar em
conta as contradições aparentes nos interesses es
pecíficos dos diversos grupos, para não inviabili
zar a vinculação das lutas.

Sobretudo, ter a perspectiva de crescerem
juntas as diversas lutas, mesmo que seja um pro -
cesso vagaroso, pois nas regiões de ocupação anti
ga não há outra saída para os índios.

B. Pensar a organização dos índios a nível
de Povo, que já se começou, mas é insu -
ficiente.

C. Escutar melhor a proposta dos índios. Mui
tas vezes as "urgências" nos absorvem e
não damos tempo para escutar. Eles estão preocupa
dos, por exemplo, com a escola, com a juventude.
Escutar, dialogar e dar vez ao índio no trabalho.

Grupo 2

Vivemos um processo histórico, contraditório. A utopia é um sonho, é distante, é um "estar sendo", dentro de todas as contradições. Devemos estabelecer um diálogo, superando o etnocentrismo, problematizando as relações entre o povo INDÍGENA e a sociedade nacional. Agimos segundo certos princípios que devem nortear nossa ação.

PRINCÍPIOS:

1. Não camuflar os conflitos, enfrentar as contradições, os riscos. Tentar clarear as nossas deficiências. 2. A autodeterminação é um processo dos povos; tanto como para nós, é uma luta em busca de viver, busca de um espaço vital. A libertação é a utopia, enquanto autodeterminação é luta: essa é a alternativa, "na medida em que não me rendo!".

3. Reconhecer nossa posição de intermediário, entre os povos indígenas e a sociedade nacional. Atenção ao momento histórico, desmistificando visões sobre "o índio", e colocando os problemas atuais de cada povo. Utilizamos "filtro", fazemos versões das necessidades, do que nos dizem. 4. Pequenos apoios que a gente dá apresentam problemas e abrem perspectivas que necessitam ser pensadas. Exemplo: as saídas econômicas - machado, faca de seringa, etc.

5. Fechando: devemos nos questionar diante das situações, nos responsabilizando, levantando hipóteses e procurando ver mais longe. Há sempre o risco de errar.

Grupo 3

1) É importante, no trabalho junto aos Grupos Indígenas, passara duma simples aceitação ou tolerância frente à realidade que os caracteriza, para uma compreensão mais profunda desta realidade. Para tanto, é necessário: a) manter um diálogo contínuo com o Grupo através do contato frequente ou permanente com o mesmo; b) conhecer da melhor forma possível a História do Grupo; c) discutir as questões e impasses que vão surgindo, com outras pessoas que estejam ligadas ao trabalho.

2) É necessário proceder ao levantamento e sistematização do material existente, relativo ao Grupo com o qual se trabalha. Esta é uma condição para um trabalho mais profundo junto ao Grupo, evitando superficialismos tão prejudiciais à luta.

3) Superando o amadorismo que caracteriza nosso trabalho, também é importante um maior embasamento teórico. Entre outras coisas, pode contribuir neste sentido: a) proceder a leituras (p.ex., na área de antropologia), que levem a um questionamento e melhor compreensão de nosso trabalho; b) fazer cursos e estudos de aprofundamento (p.ex., na área de linguística).

4) Constatou-se que há uma falha séria na articulação entre o trabalho que é feito nas bases e o que está ocorrendo a nível da política (especialmente indigenista) global. Nesta linha, surgiram três propostas para acionar esta articulação: a) que os Projetos recebam informação atualizada sobre o andamento da política global e análises sobre tais informações; estas análises devem manifestar pontos de vista diversos. Em con -

creto, a coordenação deve assumir essa tarefa;
b) os Projetos deveriam estabelecer contato com assessores aos quais possam enviar informações e questionamentos da equipe, de modo que o assessor devolva este material com sua análise ou parecer;
c) que se estabeleça um intercâmbio diversificado, de material, entre a equipe e pessoas que tenham a ver com o trabalho.



P R E P A R A Ç Ã O D O S V O L U N T Á R I O S

Em 1983 o Estágio preparatório decorreu normalmente, contando com a participação de 3 pessoas: Rui, Miriam e Cícero. Foram 4 meses de estudo em Cuiabá, cerca de 4 meses de experiência numa base indígena, e uma avaliação final. Contamos, novamente, com o importante apoio de vários colaboradores para dar conta dos estudos da 1ª etapa.

No tempo do estágio prático, o coordenador técnico também esteve durante 4 meses na área indígena Canamari - AM.

No ano de 83 foi feita uma maior divulgação sobre a OPAN, ocorrendo um significativo aumento na demanda de pessoas interessadas num possível engajamento. Os contatos prévios estabelecidos permitem prever o ingresso de umas 10 pessoas no Estágio de 84.

A partir das discussões havidas na Assembléia Geral sobre o Estágio, foram levantadas algumas sugestões: - articular melhor, no currículo, Antropologia e Economia Indígena; - que a 1ª etapa seja diminuída e ampliada a 3ª etapa; - maior colaboração entre CIMI e OPAN, aproveitando os cursos preparatórios programados pelo CIMI; - maior aproveitamento da experiência de campo da própria OPAN; - maior acompanhamento do estagiário da parte da Coordenação; - enfermagem mais voltada para a realidade indígena.

videm os grupos indígenas. Política da Funai, que divide as comunidades.

Respostas da equipe

Oferecimento de melhores condições para reconquistarem sua autonomia: alfabetização, projetos agrícolas, apoio à luta pela terra. Organização como Povo e reorganização interna: reuniões e todos os tipos de informações sobre a sociedade envolvente. Denúncia da ação da Funai.

Impasses da equipe

Inclareza quanto ao tipo de atuação realizar frente ao problema da divisão interna dos grupos; atuação restrita, frente à forte atuação da Funai e outras missões.

